



GONÇALO  
FURTADO  
\* Professor Universitário

## Figueira da Foz #2: do esplendor urbano



A Figueira da Foz, que se tornou cidade em 1882, constituía-se já como uma comunidade tipicamente urbana no início do século. Em grande medida, o desenvolvimento urbano ocorreu intimamente ligado à própria deslocação da centralidade urbana, isto é, em direcção ao mar, bem como à afirmação de uma vocação citadina virada para o veraneio e para o turismo.

De facto, atente-se ao facto que uma requalificação sequenciada de espaços públicos importantes, ocorreu em direcção à foz. Primeiro, com a Praça do Comércio (na ex-Praia da Reboleira) e, mais tarde, com o Jardim (na ex-Praia da Fonte). Um processo de urbanização inicia-se com o Bairro do Teatro, conquistado ao mar, e o Bairro da Estação. O próprio centro da antiga Vila, localizado no Cais, para onde se viravam as duas referidas praças, foi abalado pela construção de um apelidado "Bairro de Santa Catarina". Um "bairro novo", que surge no extremo ocidental da cidade, no decurso da década de 70, enquanto resposta ao adquirido estatuto de "Praia da Moda" que, conjuntamente com operações no extremo ocidental da cidade, seria responsável pela forte urbanização e impulso especulativo que seria registado na segunda metade do século XIX.

Neste conspecto, gostaria de recordar e remeter o leitor para o ensaio "Grande Hotel da Figueira da Foz: Viajando no tempo" (1997) de António J. Lé, bem como para "Figueira da minha infância" (1999) de António dos Santos e Silva. A cidade e o seu bairro transpirariam um ambiente balnear, que Santos e Silva evoca nas suas memórias escritas concernentes aos anos 30/40. Recordando-nos: "O bairro novo, no seu novo riquismo (...) - as ruas em esquadria, alguns prédios com laivos de Art Déco, a produção de hotéis e cafés, o estranho linguajar das espanholas... - compunha uma ambiência mundana e fascinante". Pelas transversais à Rua da Liberdade, que desciam para a praia sem o ruído dos automóveis, "subia a voz rolante das ondas e o cheiro salgado da maresia". Ao fundo, no enfiamento da ex-Rua dos Banhos, três rampas laterais posicionadas na esplanada de baixo (actual avenida) davam acesso à desejada praia...

Para além da evolução urbana, o desenvolvimento da vocação turística constitui aspecto de interesse enquadramento e central. Podemos dizer que a Figueira da Foz começa a tornar-se uma estância balnear por volta de 1860. E, como notavelmente referiu o historiador Rui Cascão, o período entre 1860/80 é adjectivável como "a passagem

de estalagem ao hotel". De facto, entre 1870/90 e o início do século XX, o fluxo de veraneantes aumentou 50%, designadamente de 2 para 3 dezenas de milhares. Sendo que, entre 1870 e 1911, duplicaram os hotéis figueirenses (quatorze).

Por outro lado, foi na década de 1860 que se assistiu ao desenvolvimento da indústria do espectáculo, requerendo a construção de uma variedade de espaços e eventos. Espaços como o Teatro Príncipe Real em 1872, o Teatro Circo Saraiva de Carvalho em 1884 (posteriormente reformulado como Casino em 1900) ou o Coliseu Figueirense, inaugurado em 1855, e eventos como o "animatógrafo", etc, em 1896. Tudo, em conjunto, suscitando a ampliação e qualificação das formas de sociabilidade.

Tal desenvolvimento urbano e turístico, não terá sido também independente da melhoria das acessibilidades. De facto, a década de 1870 foi também a "Era da diligência", a qual, recorrendo a uma nova estrada, liga a cidade da Figueira da Foz a Coimbra em cinco horas. Pouco depois, apareceu o caminho de ferro. (Recordando-se que em 1882 foi inaugurada a Linha da Beira Alta entre a Figueira e Pampilhosa e, em 1888, a Linha do Oeste, entre a Figueira e Leiria. Sendo que, em 1889, o ramal entre a Figueira da Foz e a Amieira, junta a Linha do Oeste à "Linha do Norte".

O Caminho de Ferro veio a condenar tanto o anterior transporte fluvial como o novo a cavalo. E, a inauguração de variadas linhas férreas, exponenciaram o contacto da cidade com o exterior. Rafael Calado (responsável pelo estudo da azulejaria das Estações de Caminho de Ferro, identificou e salientou-nos precisamente tal azulejaria dever ser vista como o surgimento de um verdadeiro postal turístico. Uma publicidade dos lugares-chave do Portugal de então.